

A liturgia celebrada determina a visão eclesiológica?

Pe. Ms. Diego Willian dos Santos¹

Resumo: Partindo da interrogação: a liturgia celebrada determina a visão eclesiológica? A presente comunicação visa analisar os desdobramentos da liturgia celebrada, na compreensão da visão eclesiológica que a pessoa que a celebra possui. Mesmo depois de alguns anos do término do Concílio Vaticano II, é notório o ataque de inúmeras pessoas à renovação litúrgica. Um saudosismo do que não se viveu, um romantismo de um rito que se desconhece e a rejeição ao rito proposto pelo Concílio, trazem no seu bojo, uma rejeição também da caminhada eclesial que brotou do mesmo Concílio. Dessa forma é possível observar que muitos dos que rejeitam a reforma litúrgica, almejam também uma igreja hermética e palaciana, incapaz do diálogo com o mundo atual. Partindo da análise de referência bibliográfica, versada no assunto, essa comunicação buscará aprofundar o conceito de fé celebrada e seus desdobramentos na compreensão da Igreja e a práxis cristã pós Vaticano II, e consequentemente pós reforma litúrgica.

Palavras-chave: 1. Liturgia. 2. Eclesiologia. 3. Celebração. 4. Práxis.

INTRODUÇÃO

Observa-se como as comunidades celebram o Mistério Pascal de acordo com a realidade eclesial onde estão inseridas. Algumas com muita piedade e devoção, outras com um devocionismo exacerbado. Algumas de modo mecânico e repetitivo. Outras ainda como um verdadeiro espetáculo para ser visto por expectadores famigerados. Isto posto, pode-se pensar como estão organizadas tais comunidades, para além da celebração do Mistério Pascal, isto é, como se organizam pastoralmente e como vivem no cotidiano, a fé que celebram em cada Eucaristia.

Analisando a prática de muitos cristãos que celebram a Eucaristia, é possível ver em sua conduta uma visão centrada na vida dos santos, com práticas que muitas vezes não correspondem mais a realidade atual. Outros possuem um modo de ver o mundo hermético, unilateral e autorreferencial. Alguns por sua vez vivem de um sentimentalismo que não é capaz de se transformar em ações concretas na vivência do dia a dia.

Dessa maneira, é possível perguntar, se o modo como a comunidade celebra é determinante na postura que ela adotará frente a sociedade e ao mesmo tempo a visão eclesiológica que seus membros terão. A presente comunicação versará sobre uma possível influência, da maneira como a comunidade experimenta o mistério em cada celebração, e como dele retira elementos para sua atuação.

¹ Mestre em Teologia pela PUC-SP. E-mail: dwspuc@gmail.com

1 VISÃO ECLESIOLÓGICA A PARTIR DA LITURGIA: POVO CONVOCADO POR DEUS

Partindo do pressuposto que a fé celebrada é a fé crida, *lex orandi, lex credendi*, observa-se, que os primeiros cristãos sendo atentos ao ensinamento dos Apóstolos, à fração do pão e às orações (cf. At 2,42), viviam no dia a dia de suas vidas, um desdobramento daquilo que celebravam no dia do Senhor. A caridade em favor dos mais necessitados, os pobres sempre lembrados e uma conversão autêntica, gerava no seio da comunidade uma transformação.

O que desperta a atenção das pessoas do primeiro século, é o modo de viver dos cristãos, que não está marcado por uso de vestes diferentes, de gestos estranhos, ou de palavras eruditas (cf. TERTULIANO, 2015, p. 206). O que impressiona e as atrai, é exatamente o jeito como eles se comportam, fato observado na comunidade primitiva que atenta à voz do Senhor que lhes dá um novo mandamento (cf. Jo 13,34), busca pôr em prática o mandato divino.

A espiritualidade é nutrida a partir da catequese, da vida em comunidade, da Eucaristia e das orações. Aqui está um itinerário espiritual fecundo e profundo, enraizado na doutrina dos apóstolos, não tendo sido inventado, forjado ou fabricado, a partir de caprichos e necessidades humanas. Outrossim, é um modo de viver, que aponta para a vida da comunidade, não sendo isolado, intimista ou particular, mas sim uma espiritualidade que brota do encontro com o Ressuscitado, experiência vivida pelos discípulos de Emaús (cf. Lc 23,13-35).

A comunidade é o lugar da partilha, da experiência do perdão, da fraternidade, da festa, daqueles que se reconhecem membros de um único e mesmo Corpo. É um lugar de pertença, que identifica e ao mesmo tempo gera novos membros para vida da fé, mediante o batismo, que faz o homem filho adotivo de Deus. Nesse sentido a comunidade desempenha um papel de mãe, se torna provedora, sendo responsável por zelar e propiciar um crescimento espiritual de seus filhos. O Papa Francisco, referindo-se à vida em comunidade, salienta:

Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom. Precisamente nesta época, inclusive onde são um 'pequeninho rebanho' (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade (EG, n. 92).

Na vida da comunidade Deus se manifesta e ao mesmo tempo convida para reconhecer a grandeza sagrada do outro, pois, somente na vida comunitária, relacional, pode-se concretizar a experiência de comunhão, onde se exercita a caridade nos mais diferentes modos e, por conseguinte se vive a autêntica liturgia. De acordo com Rupnik: “A Igreja do Vaticano II redescobriu a sua identidade como Igreja de comunhão, portanto, sinodal” (RUPNIK, 2019, p. 24).

A comunidade reunida, assim, não é uma agremiação, um clube social, ou uma roda de amigos, mas expressa a sua dimensão ontológica de povo convocado por Deus:

Ser sinal da convocação divina e da índole comunional com que o Pai assinalou todo o criado e deflagrou a obra redentora coloca a assembleia diante de um imperativo ético profundamente solidário e inclusivo. Sua articulação interna há de introduzir, a partir da comunidade eclesial, uma atitude dialogal que aponte ao mundo o arranjo relacional trinitário, fonte, razão e princípio de toda a diversidade chamada a conviver nos tempos e espaços que abrigam a ‘carne’ de tudo o que existe (COLA, 2020, p. 129).

Como povo convocado e que respondeu ao Senhor, a assembleia presta culto a Deus e, tendo feita a experiência da sua misericórdia e gratuidade, ao celebrar o Mistério Pascal, em cada Eucaristia, é por Ele também educada para viver segundo esta experiência. Assim, de celebração em celebração o fiel vai tendo a sua consciência eclesial amadurecida: “só participando na vida de Cristo tal como ela é comunicada pela liturgia é que podemos viver em vista daquilo que somos chamados a vir a ser” (RUPNIK, 2015, p. 19).

Na liturgia se faz memória do mistério pascal do Senhor, tornando-o presente, para a assembleia que o celebra. Não é uma nostalgia do passado, nem tão pouco, mera recordação de fatos passados. Rupnik enfatiza:

Fazer memória não significa simplesmente evocar aquilo que aconteceu no passado, decompondo a vida em fragmentos autônomos e momentâneos, mas participar integralmente, com toda a profundidade espiritual, no mistério presente na memória eterna de Deus (RUPNIK, 2015, p. 26).

Sendo assim, a memória é criativa, pois não aprisiona no passado, mas permite ao homem hodierno tomar parte no mistério insondável da bondade de Deus, que o transfigura e o conduz a salvação. Na liturgia ele experimentará aquilo que é: filho de Deus! Por isso a liturgia faz memória, pois tomando consciência do que se é, a pessoa saberá viver de acordo com essa nova realidade, a qual teve acesso. Uma compreensão errônea dessa memória celebrada em cada Eucaristia, trará consequências graves para a vivência eclesial.

2 LITURGIA DESVINCULADA DA VIDA: ATAQUES À REFORMA LITÚRGICA

É notável que por não compreender a verdadeira grandeza da liturgia pós Vaticano II, muitas vezes se busca no tradicionalismo uma fuga, ou um modelo de Igreja que não existe mais. O medo de mudar conduz a um retorno a gestos passados caducos, a uma nostalgia por algo que não responde a realidade hodierna. Algumas pessoas atualmente possuem dificuldade de experienciar e compreender a liturgia que celebram, tendendo a um formalismo ou a um triunfalismo. De acordo com Boselli:

Como consequência direta da perda da transmissão do verdadeiro sentido da liturgia às gerações mais novas, os bispos italianos perceberam ‘certo tédio’ em nossas liturgias. Um tédio real, que se manifesta numa espécie de rotina, de um fazer pelo fazer, quanto muito, sem convicção e paixão. A primeira reação ao tédio, um mal vivido precisamente pelos mais jovens, é, no parecer dos bispos, ‘a tentação de voltar a velhos formalismos’ que, olhando bem, a reforma litúrgica, desejada pelo Concílio Vaticano II, quis superar (BOSELLI, 2014, p. 189).

O desconhecimento profundo das intuições do último Concílio e o imaginário de um outro modelo eclesial supostamente mais atrativo e piedoso, faz com que muitos queiram um retorno a uma forma de celebração e de Igreja anterior à reforma litúrgica do Vaticano II:

A tentação de voltar a velhos formalismos aparece como sinal não só de que alguma coisa fundamental talvez tenha faltado na transmissão e na recepção da reforma litúrgica conciliar, mas sobretudo de alguma coisa que hoje dificulta o modo de viver, celebrar e compreender a liturgia. Se a liturgia não é corretamente vivida, celebrada e compreendida, também a vida é de alguma maneira danificada e prejudicada (BOSELLI, 2014, p. 189).

A incompreensão da natureza e missão da liturgia, é prejudicial à celebração do Mistério Pascal, pois, se a liturgia celebrada determina a visão eclesiológica e a espiritualidade e, portanto, o modo de atuar no mundo, a compreensão errônea da liturgia, também trará prejuízos ao modo como a comunidade celebrativa experimentará a Deus no concreto da vida. Seu modo de agir poderá ser enrijecido e enfraquecido a partir de um modelo eclesial ultrapassado.

Participar da ação sagrada é, tomar parte, junto ao corpo dos que foram salvos, uma vez que, celebrar a liturgia é recordar o pertencimento à uma família maior não nascida do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo (cf. Jo 1,13). Uma família unida pelo amor de Cristo que com seu sangue resgatou a família humana (cf. Ef 2,16), e fez dela uma família de famílias (cf. *Amoris laetitia*, n. 87).

A nostalgia e a saudade de alguns que frequentam as celebrações litúrgicas atuais, e que não celebraram os ritos litúrgicos anteriores ao Vaticano II, só colabora para um fechamento e um ensimesmamento que não tem espaço numa Igreja sinodal, como indica o Papa Francisco. Segundo Rupnik:

O Papa está seriamente afirmando que, com o Vaticano II, o modelo de uma Igreja constantiniana, teodosiana, terminou. Com isso, inicia-se uma transição de toda a estrutura eclesial. Quando Francisco começa a falar de uma ‘Igreja em saída’ (EG, n. 20), da Igreja de fronteira, do ‘hospital de campanha’, dos pastores que têm o cheiro ‘das suas ovelhas’, quando diz que o ‘tempo é superior ao espaço’ (EG, n. 222-225), são todas mensagens importantes para dizer que o Espírito Santo pede à Igreja a coragem de ser ela mesma, de abandonar as categorias das quais se embebeu após uma secular convivência com as estruturas ‘paraimperiais’ e ‘paraestatais’ (RUPNIK, 2019, p. 26).

Quando se adentra o mistério, se compreende a grandeza da liturgia e o fiel então se afasta das ciladas do clericalismo, do tradicionalismo e do reducionismo das ações litúrgicas. A mistagogia ajudará a combater esses reducionismos da liturgia com experimentações selvagens (cf. GIRAUDO, 2014, p. 559). Por conseguinte, possibilitará uma maior adesão aos demais ensinamentos do Concílio Vaticano II, rejeitados na sua maioria por membros de tais grupos.

Uma liturgia bem vivenciada levará os que dela participam, a perceber que, tal celebração os conduz necessariamente para um compromisso com os demais: “Uma vez que a experiência da Igreja tem sua origem na Páscoa, em ver o Ressuscitado, que continuamente ressuscita na comunidade daqueles que creem” (RUPNIK, 2019, p. 43), compreenderão assim que: “o mistério da Igreja é o mistério do Ressuscitado que vive na história” (RUPNIK, 2019, p. 43).

3 FÉ CELEBRADA E A PRÁXIS CRISTÃ: UMA AUTÊNTICA VIDA LITÚRGICA

Tendo em vista que a comunidade crente, se entende, como povo convocado por Deus, para fazer memória, ela é chamada a estender a experiência desse momento único, para as situações ordinárias da sua vida. Assim, partindo da reflexão de uma liturgia que é fonte para a prática cristã, Flores, assinala: “A reflexão que temos de fazer deve conduzir-nos a uma espiritualidade litúrgica, que, por sua vez, nos abra a experiência divina” (FLORES, 2006, p. 398). Essa abertura do fiel é que permitirá que ele se deixe envolver pelo mistério que está celebrando, faça de fato a experiência de Deus e possa nutrir a sua espiritualidade, a partir da liturgia.

Flores continua: “Portanto, o único caminho possível parte da teologia da celebração litúrgica e desemboca numa espiritualidade que leva diretamente à vida vivida” (FLORES,

2006, p. 398). Desse modo, para o referido autor, não há outro caminho, a não ser aquele que partindo da celebração litúrgica, se estende as relações concretas do cotidiano.

O processo de simbiose entre, liturgia e espiritualidade, era a marca distintiva dos primeiros discípulos, fazendo das suas vidas um ato litúrgico. Castellano, tratando desde tema, destaca: “A liturgia é colocada no contexto normal da vida cristã como ponto de inserção concreto nessa história de salvação, contínua celebração do mistério de Cristo e do Espírito” (CASTELLANO, 2008, p. 34), ou seja, a vida é um prolongamento da experiência vivida na liturgia.

A liturgia se insere no concreto da história humana para iluminar o agir cristão, nas palavras de Flores:

A celebração litúrgica não é um momento isolado do qual nos separamos quando termina. Toda existência deve ser vivificada mediante a celebração, começando pela própria vida espiritual, que estará sempre impregnada da presença de Deus, por meio da celebração litúrgica, desde o momento em que não pode haver dicotomia entre o celebrar e o viver (FLORES, 2006, p. 45).

Sendo assim, a vida é, ou precisa ser, um prolongamento da celebração litúrgica, não podendo ser algo dissociado, ou até mesmo oposto a ela, haja vista que não é um espetáculo que acaba quando se apagam as luzes, pelo contrário, a celebração litúrgica se desloca para fora do edifício igreja, porque se concretiza no agir diário dos que dela participam.

Constitui a transmissão de uma Presença, que continua a atuar: “Porque ela não é simples evocação ou recordação do que sucedeu, é uma presença viva; é a vida perpétua e contínua de Cristo em nós, os fiéis, em Cristo, Homem-Deus vivo e eterno” (GUARDINI, 2017, p. 51).

Assim a liturgia por sua natureza requer uma interiorização dos mistérios com os quais a pessoa se deparou durante a celebração ritual, considerando que, a ação litúrgica precisa ecoar no interior daquele que dela participou, não podendo permanecer apenas na superfície, no exterior. A ação ritual não é mera ação mecânica e teatral, não é um espetáculo mundano para ser visto, apreciado e até julgado ou classificado.

A celebração não é para expectadores passivos e inativos. Outrossim, a mesma, tem como destinatário o homem que de modo pleno, ativo, consciente e participativo (cf. SC 48), está presente à ação litúrgica por inteiro, desejoso de ser impactado pelo mistério que lhe é apresentado.

Por isso, uma separação nesse aspecto produz uma esquizofrenia de cunho desastroso, esvaziando o sentido do culto divino. Por essa razão, se faz mister, um aditamento da celebração litúrgica na labuta diária de cada cristão, que faz um oferecimento da sua vida e da sua história no altar do mundo. Gopegui enfatiza que não há dicotomia, entre vida e liturgia, sobretudo, com o advento do Concílio Vaticano II:

Na mentalidade de não poucos poderia existir primeiramente a vida cristã que depois seria celebrada na liturgia. Na visão conciliar tal dicotomia é impensável. Existe vida cristã porque existe liturgia, ou seja, presença e atualização sacramental do Mistério de Cristo na história. A liturgia é fonte da vida cristã. Vida e celebração não podem estar dissociadas. A vida cristã nasce na celebração. Mas a liturgia é também ápice e termo, por ser antecipação da Liturgia celeste, antegozo da glória definitiva do Pai, em Cristo, na qual vida e festa se identificarão plenamente (GOPEGUI, 2008, p. 36).

Assim a liturgia é fonte e ápice da vida cristã, porque não há vida cristã sem liturgia, ao mesmo tempo que a liturgia encaminha para as realidades perenes, pois esse é o cume do discipulado: a vida eterna. Não se pode isolar a experiência de Deus dentro do edifício-igreja, não é possível reduzi-la ao momento celebrativo, não se deve restringir sua força e eficácia às paredes internas das igrejas.

Nesse sentido, após algumas décadas do Concílio Vaticano II, se percebe que é preciso renovar também a mentalidade dos membros da comunidade eclesial. De acordo com Bordignon-Meira:

O Papa Francisco nos interpela que a liturgia deve ser uma presença indispensável entre Deus e as pessoas, para que haja uma concreta comunhão eclesial na construção de um corpo sólido. Trata-se de uma liturgia viva, que não apenas reforma os livros litúrgicos, mas que, por meio do encontro, renova a mentalidade da Igreja (BORDIGNON-MEIRA, 2019, P. 101).

Tal mudança de mentalidade, seguido do testemunho, será eloquente para atrair novos fiéis para o seguimento de Cristo Jesus, pois poderá o mundo novamente perceber a força transformadora na vida daqueles que se deixam tomar pelo mistério pascal, que envolve e convida à comunhão com o Eterno. Superando as dicotomias, os reducionismos e as inovações individuais, a liturgia resplandecerá como fonte da vida cristã, pois se observará na vida de cada uma, os sinais de uma vida transfigurada pela Palavra e pela Eucaristia.

CONCLUSÃO

A iniciação à vida cristã como caminho para o discipulado, pode orientar de modo correto a visão eclesiológica, de forma não destoante do caminhar da Igreja pós Vaticano II. É preciso recuperar a consciência de que o modo como se celebra determina o modo de ser e sentir a Igreja.

O processo mistagógico pode levar as pessoas a um aprofundamento da fé professada, da liturgia celebrada e da espiritualidade concretizada no dia a dia. Assim, se sentindo parte da comunidade dos batizados, as pessoas que nas celebrações litúrgicas tomem parte,

compreenderão a grandeza do que estão celebrando e ao mesmo tempo saberão ser igreja em estado permanente de missão.

Ao mesmo tempo, a correta celebração dos mistérios divinos, conduzirá a unidade dos fiéis, pois: “Duvidar do Concílio significa duvidar das próprias intenções do Padres, que exerceram solenemente o poder colegial *cum Petro et sub Petro* no Concílio Ecumênico (LG, n. 23) e, em última análise, duvidar do próprio Espírito Santo que guia a Igreja” (FRANCISCO, 2021, p. 16).

Urge uma educação litúrgica que propicie a compreensão de liturgia e vida, a modo de possibilitar uma abertura para o diálogo e a relação com os outros, deixando-se plasmar por essa vida de comunhão, fruto e obra da Trindade. Deixar que a celebração do Mistério Pascal transfigure os que dela participam, é a via fundamental para superar o subjetivismo e a autor-referencialidade, construindo um caminho para uma Igreja sinodal.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOGAZ, Antonio Sagrado; HANSEN, João Henrique. *Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BORDIGNON-MEIRA, André Luiz. *Uma liturgia que primeireia*. In. *Atualização litúrgica 2*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 101-122.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Coleção Vida e Liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2012.
- COLA, Gustavo Correa. *O sacramento-assembleia: teologia da mistagogia da comunidade celebrante*. Petrópolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia. AAS 54. 1964. (SC). In. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29. Ed. Vozes: 2000, p. 259-306.
- FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FRANCISCO. *Amoris laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Loyola, 2016.
- _____. Carta do Papa Francisco aos bispos de todo o mundo para apresentar o *Motu Proprio Traditionis Custodes*. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- _____. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola, 2013.
- GIRAUDO, Cesare. *Num corpo só: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- RUPNIK, Marko Ivan. *A arte da vida: o cotidiano da beleza*. Braga: Editorial A. O., 2015.

_____. *Segundo o Espírito: teologia espiritual no caminho com a Igreja do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SPERA, Juan Carlos; RUSSO, Roberto. *A assembleia celebrante*. In. *A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. Manual de liturgia. São Paulo: Paulus, 2015, p. 111-140.

TERTULIANO. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2. Ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 202-243.